

O ritual obsessivo de ocultar facas: a religião individual de um neurótico*

*The Obsessive Ritual of Concealing Knives:
A Neurotic Individual Religion*

*Henrique Guilherme Scatolin***

Resumo

Partindo da concepção freudiana sobre o ritual na neurose obsessiva, o objetivo deste artigo é enfocar o ritual de ocultar facas como uma religião particular e individual de um neurótico obsessivo. Assim, o autor analisa, de uma forma sucinta, o caso clínico de um neurótico que esconde facas desde a sua infância. O autor conclui que qualquer ato obsessivo expressa a ambivalência presente na dinâmica psíquica dos neuróticos, como o desejar e o temer, o amor e o ódio. Além disso, as pulsões destrutivas também estão presentes nos mesmos.

Palavras-chave: *neurose obsessiva, ritual obsessivo, apresentação e análise de caso clínico.*

Abstract

Based on the Freudian conception of rituals pertaining to obsessive neurosis, this article aims to address the case of an obsessive neurotic who ritualizes the concealing of knives. The author briefly analyzes the clinical case of an individual who has hidden knives since childhood, and turned this ritual into a peculiar and idiosyncratic religion. The author concludes that all obsessive actions express the ambivalence found in the psychic dynamic of neurosis, such as desiring and fearing, love and hate. Destructive impulses are also part of this dynamic.

Keywords: *Obsessive Neurosis, Obsessive Ritual, Presentation and Analysis of a clinical case.*

* Este artigo é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Um Estudo Teórico-Clínico Sobre o Ato Cerimonial em um Caso de Neurose Obsessiva”, defendida no programa de pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

** Henrique Guilherme Scatolin é psicólogo formado pela UNIMEP (Universidade Metodista de Piracicaba) e mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). E-mail: henriquescatolin@hotmail.com

I – O CASO HOMEM DAS FACAS: UM BREVE ENFOQUE SOBRE O RITUAL DE OCULTAR FACAS

Antes de apresentar este caso clínico, gostaria de ressaltar que a fonte de interesse para o estudo do ritual obsessivo surge a partir de minha singular experiência com pacientes obsessivos. No decorrer da psicoterapia com estes neuróticos, em um pequeno posto de saúde pública, no interior do estado de São Paulo, observo que uma grande parte destes apresenta algum cerimonial obsessivo. Estes sempre se queixam do sofrimento psíquico causado pela realização diária e compulsiva de certos cerimoniais.

Ao longo do atendimento de vários neuróticos obsessivos, escolhi um paciente que apresentava um quadro obsessivo rico para o desenvolvimento de minha pesquisa de mestrado. Assim, inspirado em Freud e em seu famoso caso clínico, O Homem dos Ratos, resolvi nomear este caso clínico de “O Homem das Facas”. Este nome fictício surge do seu ato cerimonial de procurar e esconder facas, embora, além de facas, ele também esconda outros objetos como tesouras, agulhas e giletes.

No início do processo psicoterapêutico, a queixa de Cláudio, o Homem das Facas, relaciona-se aos seus pensamentos compulsivos de ficar “caçando facas”. Esse “caçar” facas significa procurá-las e verificar se estão escondidas uma em cada buraco do muro, do sofá e de outros lugares, nos quais as escondeu.

Além de esconder uma faca em cada buraco do muro, ele também esconde giletes, pregos e tesoura em menor incidência. Esconde um prego em cada buraco do muro, mas as giletes e a única tesoura da casa, ele as esconde em uma gaveta da cozinha, na qual sua mãe guarda os talheres.

Em sua queixa, também revela não agüentar mais procurar facas para escondê-las na caixa de ferramentas de seu pai e na gaveta do seu guarda-roupa. Conta que verifica, várias vezes, se as facas estão escondidas, assim dizendo: “estes rituais estão cada vez mais me deixando desgastado [...]. Durmo pensando que tem uma faca debaixo do meu colchão ou lá na cozinha [...]. Eu penso que alguém pode se ferir, mas sei que não tem faca lá [...]. Acordo e vou procurar a bendita. Penso se não caçar faca, eu poderei

me ferir, morrer ou alguém da minha família [...]” Esse alguém que pode vir a morrer a que ele se refere, em suas associações posteriores, é o seu pai que é descrito como “grosso, bravo e que não leva desaforo de ninguém.”

Deste modo, Cláudio é um jovem que chega à psicoterapia marcado por seus rituais. Ao longo do nosso contato, fui conhecendo um pouco mais de sua história pessoal. Declara que foi uma criança calma e medrosa, nunca se envolvendo em brigas ou discussões. A sua infância foi marcada por problemas intestinais (crises de prisões de ventre), uma mãe muito presente e um pai sempre rígido. Aos dois e três anos de idade, seu pai trabalhava na roça cortando cana “com um facão”. Aos finais de semana, o pai trabalhava como marceneiro e barbeiro para ganhar um dinheiro extra. Cláudio, aos seis anos, apresentava um medo constante de uma possível morte da figura paterna. E aos oito anos, iniciou o seu ritual de ocultar facas, o qual perdurou durante toda a sua adolescência e atual fase adulta. Atualmente, um dos seus maiores temores obsessivos é que a faca, objeto alvo de seus rituais, venha cutucar “a sua bunda” se ele não a esconder, embora saiba que isso nunca irá acontecer.

Primeiramente, para analisar o ritual de ocultar facas, gostaria de retomar, brevemente, dois pontos fundamentais da constituição psíquica deste paciente. Esses dois pontos são:

1º – A constituição de sua fase anal-sádica;

2º – A possível identificação paterna presente nas fases pré-genitais.

O primeiro ponto, que acredito ser fundamental para a compreensão deste ritual obsessivo, decorre da minha interpretação de que como, provavelmente, ocorreu a sua organização anal-sádica. Acredito que deve ter ocorrido uma certa fixação da libido durante esta fase; pois em sua organização genital adulta, ele apresenta vários pensamentos obsessivos os quais apontam as suas raízes nesta fase. Ele assegura: “se vier o pensamento de faca, eu a escondo porque também tenho medo de que ela me cutuque pela bunda [...]”

Assim, nesta organização, não só a tendência ativa, sádica (de reter as fezes) é marcante; mas a passividade deixou uma grande marca, já que esta passividade foi alimentada pelo erotismo anal durante a sua remota infância. As marcas dessa passividade são uma das chaves para o

entendimento do medo de que uma faca possa vir a cutucá-lo, pois esse medo (ou desejo) baseia-se no seu antigo erotismo anal e no complexo de Édipo negativo recalcado, não deixando de ter uma relação com a perversão recalcada. E recordando que fezes, bebê e pênis formam uma unidade inconsciente, acredito que ao temer que uma faca o cutuque, esta idéia obsessiva parece representar, simbolicamente, o desejo de que o pênis sádico paterno venha a penetrá-lo.

O segundo ponto necessário para a compreensão deste ritual é a possível identificação paterna presente já nas fases pré-genitais. Quando Cláudio tinha dois e três anos de idade, seu pai trabalhava na roça cortando cana; e aos finais de semana, ele trabalhava com pregos em uma pequena marcenaria do sítio onde moravam, como também exercia a profissão de barbeiro. Acredito que as facas podem estar representando a identificação ao pai, como as giletes e os pregos também, já que são objetos que foram utilizados por seu pai quando trabalhava como marceneiro, bóia fria e barbeiro durante a sua remota infância.

A identificação ao pai é o pilar central para a compreensão do surgimento do sintoma de ocultar facas, aos oito anos de idade. Durante este ritual, ao esconder facas, Cláudio expressa tanto a identificação como toda a sua hostilidade inconsciente ao “pai-facão”, pelo fato deste ter-lhe interditado a sua mãe. A identificação com o pai torna-se fonte de intensa hostilidade inconsciente contra o mesmo, sendo que o sentimento de culpa tão marcante nos atos de ocultar facas não deixa de ser uma reação consciente contra essa hostilidade.

Aos oito anos, quando o ato de ocultar facas é formado como uma medida protetora, Cláudio tem consciência que deve ocultar uma faca se não alguém de sua casa, como o seu pai, pode vir a morrer. No início deste ritual está sendo expresso o antigo desejo parricida, desejo este que fora barrado pelo pai “lobo-caipora”¹ durante a sua fase fálica e que se manifesta, de uma forma simbólica, neste sintoma.

1 Gostaria de destacar ao leitor que tanto o lobisomem, como o caipora foram duas figuras folclóricas que Cláudio morria de medo durante a sua infância. Acredito que o “lobo-caipora” seja uma figura castradora deslocada da figura paterna.

O início do ritual de ocultar facas está muito distante do ato proibido, pois era um ato inofensivo, banal, feito no silêncio e sem ninguém saber. Ao longo da organização genital adulta, este ritual foi se aproximando cada vez mais do ato desejado. Ou seja, o ritual de ocultar facas não deixa de ser uma ação que compensa a realização do desejo proibido, pois o simbolismo presente neste ritual denota a atividade proibida: ao esconder a faca, ele deseja inconscientemente e por meio de uma forma ativa, obter um prazer que um dia lhe fora interditado. E ao colocá-las sujas de manteiga no doce de goiabada da mãe ou na sua bacia de lavar roupas, o paciente “encena” o desejo de ter a mãe como objeto de prazer, de penetrá-la de uma forma sádica.

Cláudio apresenta uma diversidade de lugares onde esconde estes objetos. Creio que, em cada lugar, ele encontra uma forma de satisfação substitutiva de seus desejos inconscientes, pois estes desejos se deslocam em rituais de esconder objetos em vários lugares diferentes. Esses diversos lugares em que ele oculta as facas e outros objetos refletem a sobredeterminação deste sintoma.

Não só a sobredeterminação é marcante neste sintoma, como também o uso de vários mecanismos de defesa. O primeiro mecanismo que está presente neste ritual, desde os seus oito anos de idade, e que dominará toda a sua vida psíquica adulta, é o mecanismo da formação reativa. Como o recalçamento falhou, surge o ato de ocultar facas como uma formação reativa contra o mal esperado; ou seja, contra o medo da morte de seu pai. Neste ritual tão inofensivo já está sendo representado, de uma maneira simbólica, o ódio inconsciente ao pai.

Aos oito anos de idade, ele relata também que escondia uma faca debaixo de sua cama antes de dormir, pois tinha medo que alguém de sua casa pudesse morrer. Assevera: “eu ia até a cozinha, pegava uma faca e colocava embaixo de meu colchão [...]. Quando vinha esse pensamento de faca ou de morte, eu pensava ou fazia outra coisa, como esconder facas, para esquecer este pensamento [...]. Um pensamento bloqueava o outro.”

Ao afirmar que pensava ou fazia outra coisa para esquecer os pensamentos de faca, acredito que um outro mecanismo de defesa presente neste ritual é o deslocamento. E junto com este mecanismo também estão

presentes os mecanismos do isolamento e da anulação, pois quando vinha o pensamento de faca, ele deslocava este pensamento e por meio do ato de ir até a cozinha, ele “anulava” e “isolava” o pensamento de faca, pegando e escondendo uma faca embaixo de sua cama enquanto que ele dormia em cima. A meu ver, isso revela a presença do desejo de ser penetrado pelo pai, já que este ato denota uma estratégia de tentar anular o desejo homossexual, ou seja, de obter um certo prazer passivo do pênis paterno, de ser penetrado por ele.

Não só estes mecanismos estão presentes nestes rituais, como também duas outras características são marcantes no ato de ocultar facas: a primeira é a presença da ambivalência na dinâmica psíquica deste paciente; e a segunda é a presença da pulsão de morte. Retiro a idéia da ambivalência do constante medo obsessivo de uma possível morte de seu pai, já que o medo, o temor de que o pai morra é fruto de sua defesa contra o ódio inconsciente dirigido a figura paterna.

Como já citado no anteriormente, a segunda característica marcante neste cerimonial é a manifestação da pulsão de morte. Isto significa que neste ato está sendo expresso a pulsão destrutiva; pois, além de manifestar toda a hostilidade ao pai, também manifesta a sua destrutividade direcionada ao ambiente externo.

Isto é, a faca é um objeto simbólico que representa, de uma forma contida, toda a destrutividade dirigida ao pai e ao mundo externo, mas a faca também representa toda a agressividade introjetada um dia deste pai, sendo esta faca um representante do pênis agressivo, sádico introjetado por Cláudio em sua infância, marcando a passagem de sua passividade (de receber este pênis) para a masculinidade, restando-lhe ficar entregue, eternamente, ao fantasma da homossexualidade.

II – A AMBIVALÊNCIA PAI – FILHO: EM ENFOQUE NO RITUAL DE OCULTAR FACAS

O ritual de ocultar facas evidencia a relação de um “filho-faca” com o “pai-facão”. Nesta relação, a identificação paterna se revela desde o surgimento do ritual de Cláudio aos oito anos. Se o pai, em sua remota infância,

usava o facão em suas atividades corriqueiras, Claudio, na atualidade, utiliza as pequenas facas para expressar os seus desejos e impulsos destrutivos durante as suas atividades do seu dia a dia. Assim, nestes rituais, todo o ódio recalado é alimentado simbolicamente neste ritual.

Por intermédio da formação reativa do ego deste paciente, este ódio se demonstra, transferencialmente, por um respeito a figura do analista, mas devido ao isolamento presente em suas associações, era muito difícil abordar sobre os sentimentos ruins em suas associações livres. Estes sentimentos, tais como o ódio e a hostilidade, se enraizavam em suas formações sintomáticas, denotando a ambivalência em relação ao pai e, por intermédio do deslocamento e da formação reativa, eram revividos em seus atos cerimoniais e no setting terapêutico. Assim, toda a ambivalência deste paciente ficava evidente na transferência do complexo paterno; já que é neste complexo que reside toda a etiologia do seu conflito neurótico.

Sobre este conflito na neurose obsessiva, gostaria de recorrer ao texto *Paradoxos da Constituição Sexual Masculina* de Sílvia Bleichmar no qual ela relata o caso de um paciente gravemente obsessivo, ressaltando a questão da ambivalência no psiquismo deste jovem e das conseqüências da incorporação fantasmática do pênis sádico paterno em sua identificação paterna; como diz:

“a identificação ao pai tem em sua composição um componente homossexual [...]. O fato de que toda identificação remeta a uma introjeção, e esta a um modo de apropriação simbólica [...] nos propõe o caráter altamente conflitivo da constituição sexual masculina [...]. Passivizado nos primeiros tempos da vida pela mãe fálico-sedutora, não pode aceder à masculinidade senão através da incorporação fantasmática do pênis paterno que oferece sua potência articuladora ao mesmo tempo que submete analmente nos intercâmbios que abrem os circuitos da masculinização”².

Como o ritual de ocultar facas também pode ser considerado uma maneira de demonstrar a posição passiva frente ao pai, durante a psicoterapia foi necessário resgatar os fantasmas homossexuais provenientes desta identificação. Ao longo das sessões, ao relatar os seus medos de

2 BLEICHMAR, Sílvia (1993). *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do mito a história*. Tradução de Kenia M. B. Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p.190 – 192.

que as facas o penetrassem pelo ânus, ele foi ressignificando estes medos e elaborando estas fantasias homossexuais. Ao nomear estes fantasmas, comecei a observar que Claudio começou a investir em novos relacionamentos amorosos, fato este que não fazia há 10 anos.

Além destes fantasmas homossexuais que foram resgatados e elaborados durante esta análise, gostaria de retomar a problemática identificatória em relação ao pai, ou seja, a hostilidade que subjaz por detrás desta identificação e a ambivalência que a permeia.

Durante a sua infância, ao dormir, ele não precisava dar voltas no quarto com uma cadeira para subir e beijar imagens religiosas penduradas na parede, como o Homem dos Lobos, mas necessitava esconder uma pequena faca em seu quarto. Atualmente, durante os seus atos cerimoniais, o pai é ainda a grande figura que permeia os meandros destes sintomas, sustentado pelo ódio (inconsciente) deste filho. Assim, estes rituais apontam para a figura do pai castrador, a qual é responsável pelo recalçamento dos seus desejos edípicos, levando Cláudio a ocupar um lugar jamais esperado por ele anteriormente. É deste lugar que tanto ele se queixa durante as sessões: o lugar de um sujeito desejante, aprisionado pelos seus próprios desejos recalçados durante os seus rituais.

A relação de ocultar facas evidencia a ambivalência do amor e o ódio que Claudio ainda nutre, em seu imaginário, pelo seu pai. A faca, este representante do pênis sádico paterno que o penetrou na remota infância, deixando o ódio aprisionado em seus pensamentos ruminantes de mortes, evidencia todos estes movimentos ambivalentes que remetem ao pai e que são manifestados também em seus pensamentos. Assim, estes pensamentos funcionam como um bastão anal, um pênis anal, no vai e vem de suas idéias, denotando a agressividade contida no simples ato de ocultar objetos em sua casa.

Lembremos que para Freud, nos rituais obsessivos, “a principal proibição, o núcleo da neurose, é contra o tocar e daí às vezes ser conhecida como fobia do contato ou *delire du toucher*”³. Na constituição psíquica de Claudio, qualquer fato ou situação que venha dirigir os seus pensamentos

3 Freud, Sigmund (1913). Totem e Tabu. *ESB*, vol. XIII., Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 45.

de faca para o objeto desejado é tão proibido quanto o contato físico direto com este objeto, denotando toda a ambivalência em seus atos cerimoniais. Como por exemplo, este paciente, em uma atitude muito simbólica, para se aliviar de seus pensamentos obsessivos de faca, esconde as facas na bacia da cozinha de sua mãe, denotando os seus desejos incestuosos.

E como a queixa sobre estes rituais permearam todo o nosso contato clínico, acredito que um outro dado ainda precisam ser destacado em relação a ambivalência deste paciente. Por que ele sente tanta culpa ao realizar estes rituais?

Acredito encontrar explicações para a o sentimento de culpa na possível existência da agressividade inconsciente direcionada à figura paterna. Ou seja, esta culpa está ligada, possivelmente, à manifestação das pulsões destrutivas no ato de ocultar as facas.

Sobre este sintoma, Cláudio também assegura que, após discutir com o pai, ele passa buraco por buraco verificando as facas. Para se aliviar da culpa, ele pega uma faca e a esconde. Relata: “quando eu escondo, parece que a culpa some, estranho [...]”. Ao repetir os seus atos cerimoniais, a culpa torna-se um círculo vicioso no ato de ocultar facas: ao mesmo tempo em que ele se alivia da mesma, ela retorna cada vez mais forte.

Comparo este ritual de ocultar facas a um ritual primitivo, pois cada vez que enfia uma faca em algum buraco, cada vez que simbolicamente “mata” este pai temido (que representou um obstáculo aos seus desejos sexuais), ele satisfaz simbolicamente o seu ódio inconsciente. Mas este suposto parricídio, ou seja, este pai que simbolicamente estava morto, retorna cada vez mais forte devido à antiga identificação de Cláudio com este. Conseqüentemente, o sentimento de culpa torna-se cada vez mais intenso e a única maneira possível dele se aliviar desta culpa, como ele próprio disse, é retomando novamente este ato de ocultar facas. E, ao retornar a realizar o ritual, ele vive o que ele chama “de o inferno aqui na terra [...]”. Isso é um inferno, tô pagando os meus pecados ainda vivo [...]”

Além do sentimento de culpa, Cláudio apresenta um animismo muito marcante em seus pensamentos. Ele sempre acreditou em telepatia, telecinésia, vida extraterrena, bruxaria e feitiçaria desde a sua infância. Outro tema que mais o interessa é relativo a assuntos funerários. Na sua

adolescência, ele tinha um ritual de ir até o cemitério e ficar contando as datas dos parentes de seu pai que havia falecido. Este ritual pode ser considerado como uma manifestação do desejo parricida que um dia se fez presente em sua organização genital infantil. Isto significa que a atitude de ir até o cemitério expressa, de uma maneira simbólica, o desejo de morte ao pai que se faz presente no ritual de contar e recontar os números dos túmulos da família dos Batistas (sobrenome fictício do pai deste paciente). De outro lado, o ato de contar e recontar não deixa de ser um ato simbólico de tentar quitar a eterna dívida com este pai, pelo fato de ter desejado a sua morte como também a sua esposa.

Lembro-me da primeira sessão que ele me relatou esse ritual e a associação que tal lembrança desencadeou. Esta consistia em: “sabe, cemitério me lembra morte, defunto, homem morto [...]”. Assim, em suas fantasias, Cláudio ainda está preso ao tema da morte. É a morte ao pai, a grande figura responsável pela sua castração, que ele tenta ludibriar empregando várias estratégias durante os seus rituais. Como um ato sagrado, ele crê piamente em seus rituais, na força de seus pensamentos, no poder e na realização dos seus atos de ocultar facas, fazendo destes a sua religião particular.

CONCLUSÃO

Na finalização deste artigo, gostaria de destacar que estudar o ritual obsessivo não requer somente abordar um cerimonial com seus atos repetitivos. Estudá-lo requer uma compreensão de toda a dinâmica psíquica de qualquer obsessivo que apresente algum tipo de cerimonial.

Em suma, este artigo, através de um caso retirado de um atendimento realizado em posto de saúde pública, revela que o ritual obsessivo, essa religião individual e particular do neurótico, apresenta-se através de atividades corriqueiras da vida cotidiana. Em todo ato obsessivo, estão sendo expressas tanto as pulsões destrutivas, assim como um desejo representado por um contradesejo; ou seja, é a ambivalência (de desejar e temer, do amor e do ódio) que cerca a execução do ritual obsessivo. E apesar do intenso sofrimento psíquico, o ritual se aproxima cada vez mais da satisfação e da atividade originalmente proibida (e eternamente desejada) do obsessivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bleichmar, Silvia (1993). *Nas Origens do Sujeito Psíquico: do mito a história*. Tradução de Kenia M. B. Behr. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Freud, Sigmund (1895[1894]). Obsessões e Fobias: seu mecanismo Psíquico e sua Etiologia. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1896). Novos Comentários Sobre as Neuropsicoses de Defesa. *ESB*, vol. III, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1897). Carta 69. *ESB*, vol. I, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1907). Atos Obsessivos e Práticas Religiosas. *ESB*, vol. IX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1909). Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva. *ESB*, vol. X, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1913). Totem e Tabu. *ESB*, vol. XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1917[1916-17]). Conferência XVII – O Sentido do Sintoma. *ESB*, vol. XVI, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1918 [1914]). História de Uma Neurose Infantil. *ESB*, vol. XVII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____(1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. *ESB*, vol. XX, Rio de Janeiro: Imago, 1996.